



REINO UNIDO

Visão para dez anos

Ao assumir o cargo de primeiro-ministro, Andy Burnham promete retirar os sem-teto da rua e traça um plano de governo para a próxima década. Trabalhista mantém parte do gabinete do antecessor Keir Starmer

» RODRIGO CRAVEIRO

Pouco depois de vencer os dois degraus e entrar no número 10 de Downing Street, o trabalhista Andy Burnham decretou a primeira medida como 59º primeiro-ministro do Reino Unido: retirar os sem-teto das ruas do país e colocá-los em abrigos. “Trata-se de colocar os valores e os padrões certos no coração do governo”, declarou em seu discurso de posse. Aos 56 anos, o novo premiê que teve ascensão meteórica na política britânica como prefeito da Grande Manchester anunciou que tem um projeto de longo prazo para a nação. “Ainda este ano, apresentarei um novo plano para o Reino Unido — um plano de 10 anos —, traçando um caminho desde onde estamos agora até onde acredito que todos queremos que a Grã-Bretanha esteja, independentemente de nossas origens ou de qual partido apoiamos”, afirmou.

Ao prometer apresentar as primeiras medidas ainda hoje, Burnham antecipou algumas de suas políticas. “Ajudaremos os mais jovens a ingressarem no mercado de trabalho, ao mudarmos o sistema educacional e ao oferecer-lhes mais apoio, inclusive à saúde mental”, disse. “Construiremos mais habitações públicas. Essa é a maneira justa e sustentável de reduzir os gastos com assistência social, cumprir nossas regras fiscais e honrar nossos compromissos de defesa com nossos parceiros internacionais.” Segundo o novo primeiro-ministro, o seu governo ajudará as pessoas a viverem bem e construirá um Estado mais voltado para a prevenção, ao “investir no sucesso das pessoas, em vez de pagar pelo fracasso”. Outra promessa foi a de construir uma “nova economia”, em que os itens essenciais para a vida sejam colocados sob um controle público mais forte.

“Faremos deste momento um ponto de virada para o Reino Unido, promovendo as maiores mudanças dos últimos 40 anos. Um novo modelo político e um novo modelo econômico”, declarou Burnham, ao reconhecer “rumos equivocados” tomados na década de 1980 — uma clara referência à primeira-ministra Margaret Thatcher, que comandou os britânicos entre 1979 e 1990. “O poder político foi centralizado; o poder econômico, privatizado; grandes partes do país sofreram desindustrialização, e

Henry Nicholls/AFP



Burnham e sua mulher, Marie-France van Heel, posam para foto na entrada do número 10 de Downing Street, a residência oficial, em Londres

AFP



ainda não se recuperaram”, disse o premiê trabalhista.

Com a missão de viabilizar o plano, o gabinete de Burnham começou a tomar forma, após um encontro com o rei Charles III, durante o qual o monarca encarregou-o

de formar o governo. A ex-secretária de Relações Exteriores Yvette Cooper foi apontada para liderar a pasta da Saúde; Shabana Mahmood conservou o cargo de secretária do Interior; Ed Miliband assumiu a chefia da diplomacia; e John Healey

Ele teve sete premiês como “colegas de casa”

O gato Larry, o felino mais famoso do Reino Unido, recebeu seu sétimo “colega de casa” no número 10 da Downing Street, em Londres, desde que começou a passear pelos bastidores do poder, há mais de 15 anos. “Os políticos vão e vêm; os gatos ficam”, sentenciou a conta de Larry no X, *@Number10cat*, enquanto esperava a chegada de Andy Burnham. E deu instruções: “Larry gosta de tomar o café da manhã às 9h, tomar o brunch às 10h30 e almoçar ao meio-dia, com muitos petiscos entre as refeições. O restante do trabalho é mamão com açúcar”. O bichano chegou ao número 10 de Downing Street, residência oficial do primeiro-ministro britânico, em 15 de fevereiro de 2011, quando David Cameron era o premiê. O animal de estimação veio do abrigo de cães e gatos de Battersea, com a missão de caçar ratos na sede do poder. Depois de Cameron, Larry conheceu Theresa May, Boris Johnson, Liz Truss, Rishi Sunak e Keir Starmer.

terá a missão de dirigir as finanças do Reino Unido. Por sua vez, Pat McFadden foi mantido como secretário de Trabalho e Pensões. A ex-secretária de Transporte Louise Haigh ocupará o posto de primeira-secretária de Estado.

Em entrevista ao **Correio**, Anthony Glee, professor emérito da Universidade de Buckingham (a 128km de Londres), explicou que o plano de 10 anos anunciado por Burnham busca transmitir aos eleitores a firme impressão de que deseja um

segundo mandato e de que propõe uma mudança realmente significativa, a qual exige uma década para se concretizar. “Ao mesmo tempo, ele demonstra, por meio de suas nomeações ministeriais, uma continuidade surpreendente em relação às políticas do antecessor, Keir Starmer”, avaliou. “Quem sabe como seria um ‘Plano de 10 Anos’ daqui a dois anos? A política é feita de mudanças e é, fundamentalmente, imprevisível.”

Estabilidade

Segundo Glee, reformar a educação, reindustrializar o Reino Unido e construir moradias “acessíveis” ao longo da próxima década é um plano ambicioso. “Burnham tem razão ao propor grandes mudanças (e todos sabem que elas não podem ocorrer de uma vez), e um prazo de dez anos poderia concretizá-las — caso sejam viáveis, o que é discutível. Lembremos que Josef Stalin precisou apenas de uma série de Planos Quinquenais para transformar a Rússia. No entanto, o elemento da continuidade demonstra que Burnham está ciente da necessidade de alicerçar seu plano na estabilidade econômica e de manter, no futuro imediato, o Partido Trabalhista no caminho certo para derrotar Nigel Farage, superando-o, em termos de reformas. Essa é, naturalmente, a prioridade número um — ainda que não declarada — de Burnham: colocar Farage em seu devido lugar”, assegurou, ao citar o líder do partido Reform UK.

Para o estudioso, o fato de Burnham ter declarado que sua “primeira instrução” como premiê seria acabar com a situação de pessoas dormindo nas ruas foi um sinal claro de que sua proposta geral é o socialismo. O professor sustentou que o reforço à ala remanescente fiel a Starmer é outra forma de dizer que Burnham dispõe de margem de manobra quase nula. Glee lembrou que o “líder trabalhista mais radical”, Ed Miliband, foi relegado a uma posição em que pouco pode fazer pela socialização. “Manter Mahmood no Interior — pasta na qual ela teve um bom desempenho, sendo reconhecida por ter conseguido uma redução de 50% na chegada de migrantes em botes — fortalecerá a credibilidade de Burnham e, ao mesmo tempo, tirará o ímpeto de Farage.”

ORIENTE MÉDIO

Ameaça de bloqueio naval no Iêmen

Uma nova frente pode estar se abrindo no conflito de Estados Unidos e Israel contra o Irã e aliados, guerra iniciada em 28 de fevereiro com uma saraivada de ataques aéreos à República Islâmica. A milícia xiita huthi, aliada de Teerã, que controla metade do Iêmen — incluindo a capital, Sanaa —, anunciou, ontem, a decisão de impor um bloqueio naval à Arábia Saudita. A petromonarquia de Riad, aliada incondicional dos EUA, abriga bases usadas na ofensiva contra a República Islâmica, mas, igualmente, mantém um conflito paralelo com os huthis, que agora aceitam com um bloqueio naval no estreito de Bab el-Mandab, passagem obrigatória entre o Mar da Arábia e o Mar Vermelho — que, no extremo oposto, dá passagem ao Mar Mediterrâneo pelo Canal de Suez.

Os huthis declararam “um bloqueio marítimo contra o inimigo criminoso saudita, baseado no princípio de ‘olho por olho’, com efeito imediato”, declarou seu porta-voz militar Yahya Saree, sem especificar como o grupo implementaria a medida. O anúncio se sucede a trocas de tiros, na semana passada, as primeiras em anos, que colocam em risco o cessar-fogo negociado em 2022 — ainda em

vigor, apesar de já ter expirado. Essas hostilidades seguem a recente tentativa de uma aeronave iraniana, vinda de Teerã, de pousar em Sanaa, desafiando a hegemonia saudita sobre o espaço aéreo iemenita.

Caso entre em vigor, o bloqueio iemenita aumentará a pressão sobre a economia saudita e os mercados globais de petróleo, cortando o acesso do reino aos portos no Mar Vermelho, cruciais para o comércio da commodity, em um momento no qual a retomada do conflito entre Teerã e Washington limita a passagem pelo Estreito de Omuz.

“Grande guerra”

A perspectiva de envolvimento dos huthis iemenitas no conflito coincidiu com a declaração do presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, sobre a nova etapa do confronto com os Estados Unidos. “A realidade é que, hoje, a República Islâmica está mergulhada em uma guerra em grande escala”, disse. De acordo com Pezeshkian, é preciso “ser realista e aceitar as consequências naturais dessa resistência”, segundo um comunicado.

Há uma semana, o alcance dos

Mohammed Huwais/AFP



Partidários da milícia pró-Irã na capital iemenita, Sanaa: nova frente

bombardeios norte-americanos se estende muito além das regiões do sul do Irã, onde tinham permanecido limitados desde a retomada das hostilidades, em 7 de julho. Agora, a ofensiva atinge o centro e o noroeste do país, segundo fontes locais. Pela nona noite consecutiva, Washington lançou, ontem, uma série de ataques, anunciou na rede social X o Comando Central dos EUA para o

Oriente Médio (Centcom).

O presidente Donald Trump afirmou a decisão de “punir rápida e severamente” o Irã por ataques de revide, no fim de semana, que causaram a morte de ao menos três militares dos EUA — dois na Jordânia e um no Iraque. Ao todo, 17 militares americanos morreram desde o início da guerra, em 28 de fevereiro, segundo as informações

de Washington. Do lado iraniano, o último balanço oficial, divulgado na última sexta-feira, registra 50 mortos e mais de 500 feridos desde a retomada dos combates no começo de julho.

Paralelamente às escaramuças, o regime islâmico de Teerã reafirmou a disposição de retomar as negociações com Washington, interrompidas, na prática, desde que os

» Hamas tem novo líder

O movimento palestino Hamas anunciou, ontem, a escolha de Khalil al-Hayya, principal negociador nas conversas indiretas de cessar-fogo com Israel, como novo chefe de seu gabinete político. “O Movimento de Resistência Islâmica (Hamas) anuncia a eleição de nosso irmão mujahid (“combatente”, em árabe) Khalil al-Hayya como chefe do gabinete político, substituindo o mártir Yahya al-Sinwar”, diz um comunicado do Hamas. Sinwar, acusado de ser um dos principais arquitetos dos ataques de 7 de outubro de 2023 em Israel, foi morto em Gaza, um ano depois. Desde então, o Hamas tem sido liderado por um conselho chefiado pelo veterano Mohamed Darwish. Nascido em 1960, al-Hayya sobreviveu a uma tentativa de assassinato israelense em Doha, no ano passado. Ex-líder da Irmandade Muçulmana, cuja influência se consolidou nos corredores da diplomacia, mais do que no campo militar, al-Hayya é considerado uma das figuras moderadas do Hamas, de cuja fundação participou, em 1987.

dois países retomaram a escalada militar, há 10 dias — de início, na área do Estreito de Omuz. “O aparato diplomático esteve ativo nos últimos dias”, declarou o porta-voz da chancelaria iraniana, Esmail Baqaei, falando à imprensa em Teerã. O ministro do Interior, Eskandar Momeni, foi escalado para viajar ao Paquistão, um dos governos mediadores, com o Catar e Omã.